

A INFLUÊNCIA DOS DARWINISMOS SOCIAIS NO PENSAMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO*

RITA DE CÁSSIA MARTINS DE SOUZA ANSELMO**

SÍLVIO CARLOS BRAY***

Resumo

Ao publicar *A Origem das Espécies*, em 1859, Darwin deu início a um intenso debate acerca da evolução das sociedades humanas. A absorção de tais idéias ou de tais visões pela intelectualidade brasileira, no final do século XIX, sem dúvida deu-se num contexto de adequação das mesmas aos interesses da Nação, que ora se estruturava. Nesse momento, havia uma grande preocupação com a resolução das questões que entravavam o *progresso* do país. Os darwinismos sociais apareciam como doutrinas capazes de não somente explicar toda a problemática política e social brasileira, como também, de solucionar todas essas dificuldades. Autores como Sílvio Romero, Euclides da Cunha e Oliveira Vianna apresentavam maneiras muito próprias de analisar o nosso país, e dentro de uma ótica *pessimista*, buscaram avaliar em profundidade nossa realidade, propondo soluções que influenciaram gerações e deixaram marcas profundas sobre a espacialidade brasileira.

Palavras chave: Darwinismos, Formação Nacional, Intelectualidade, Visões De Mundo, Pensamento Geográfico.

* Este trabalho foi apresentado no I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, IGCE-UNESP-Rio Claro - SP

** Doutoranda em Geografia, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro-SP-Brasil

*** Departamento de Planejamento Regional, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro - Caixa Postal 178 - CEP: 13.520-906 - Rio Claro-SP

Abstract**Influence of Social Darwinisms upon the Brazilian Geographical Way of Thinking**

The publication of Darwin's "*The Origin of Species*" in 1859 gave rise to a large debate about the evolution of human societies. Towards the end of the 19th Century, the assimilation of those ideas or viewpoints by Brazilian scholars took place on an occasion that undoubtedly suited the interests of a nation that was on the process of organization. At that stage, there was great concern about the solution of questions that hampered the country's development. The Social Darwinisms emerged as doctrines apt to not only explain all Brazilian political and social problems but also to work out a solution for the difficulties. Authors such as Silvio Romero, Euclides da Cunha e Oliveira Vianna exhibited their very personal ways of analysing our country and, from a pessimistic point of view, scrutinized our reality and suggested solutions that have exerted influence upon generations as much as they left strong impressions on the feeling of belonging to the Brazilian territory.

Key words: *Darwinisms, National Formation, Scholars, World Wiew, Geographical Way of Thinking.*

Com a publicação de *A Origem das Espécies*, em 1859, de Darwin, deu-se início a um intenso debate acerca da evolução das sociedades humanas. As leis de hereditariedade e adaptação influenciaram decisivamente a instrução, fazendo dela um meio de acelerar o progresso mediante o exercício das funções intelectuais. A justificação do poder das elites, presumidamente superiores, e a eliminação dos fracos e doentes como medida eugênica acabaram se constituindo numa distorção. Entretanto, foi por esta via que o darwinismo chegou a exercer grande influência na Europa e, conseqüentemente, na América, tendo sido inserido no caudal do *cientificismo* que marcou o pensamento europeu, desde meados do século XIX (COLLICHIO, 1988).

A absorção de tais idéias ou de tais visões pela intelectualidade brasileira, no final do século XIX, sem dúvida deu-se num contexto de adequação das mesmas aos interesses da Nação, que ora se estruturava. Nesse momento, havia uma grande preocupação com a resolução das questões que entravavam o *progresso* do país. Os darwinismos sociais¹ apareciam como doutrinas capazes de não somente explicar toda a problemática política e social brasileira, como também, de solucionar todas essas dificuldades.

¹ Por "darwinismos sociais" entende-se aqui todas as teorias que tinham por base, de alguma forma, as idéias de Darwin, entre elas o spencerianismo, o evolucionismo, as teorias raciais etc.

O que cabe discutir, por ora, é a forma como os intelectuais brasileiros reagiram diante destas questões e como as interpretaram. Autores como Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna apresentavam maneiras muito próprias de analisar o nosso país, dentro de uma ótica *pessimista*, buscaram avaliar em profundidade nossa realidade, propondo soluções que influenciaram gerações e deixaram marcas profundas sobre a espacialidade brasileira.

A ÓTICA DE SÍLVIO ROMERO

As correntes naturalistas avassalaram os meios cultos na segunda metade do século XIX, sendo que o evolucionismo foi, logo depois, ou ao mesmo tempo que o positivismo, uma das mais expressivas manifestações do naturalismo e do antimetafisicismo. Por volta de 1870, essa ânsia de conhecer as transformações que se operavam na vida intelectual européia, acentuou-se no país. O período, que vai de 1868 a 1878, identificado por Sílvio Romero como de grande atividade intelectual, correspondeu a um excepcional desenvolvimento da vida econômica brasileira. A velha nobreza dos brasões de armas portuguesas foi sendo lentamente substituída por uma nova nobreza, oriunda dos senhores de engenho do açúcar, dos fazendeiros de café e dos comerciantes portugueses das cidades, para quem os títulos universitários europeus, ou diplomas de bacharel nas novas faculdades nacionais criadas no Império constituíam verdadeiros títulos de nobreza (COSTA, 1967). Neste contexto, a figura de Romero aparece dominando os mais variados assuntos, abrindo caminhos, ensaiando novas idéias, sempre atentando para os problemas brasileiros.

O momento era de intensas transformações, permeado pelo progresso econômico. Após a abolição do tráfico negreiro, o Brasil passou por uma fase de crescimento econômico, produto, sobretudo, da expansão e dos lucros da lavoura cafeeira e dos investimentos ingleses no país. O movimento romântico que cumprira, até então, um papel fundamental, tendo sido germinado no processo de constituição de um Estado nacional brasileiro *independente*, sofreu, no final daquele século, intensa pressão contestadora. E é o próprio Sílvio Romero quem nos dá a medida dessa pressão:

“O decênio que vai de 1868 a 1878 é o mais notável de quantos no século XIX constituíram a nossa vida espiritual. Quem não viveu nesse tempo não conhece por ter sentido diretamente em si as fundas comoções da alma nacional ... De repente, por um movimento subterrâneo, que vinha de longe, a instabilidade de todas as coisas se mostrou e o sofisma do Império apareceu em toda a sua nudez”. (ROMERO. Vários Escritos. Apud VITTA, 1969)

O avanço do capitalismo competitivo-concorrencial que aqui se consolidava, amalgamando-se com a própria formação do Estado nacional brasileiro, trazia em seu bojo a necessidade de uma sociedade comprometida com sua própria expansão. Desta forma, embora criticasse o idealismo nacionalista apregoado pelos *românticos*, Sívlio Romero contribuiu de forma significativa – juntamente com outros intelectuais de sua geração – para a construção de todo o ideário adequado a um *novo* nacionalismo, segundo ele mais *objetivo*, mais fincado na realidade brasileira. Em vários momentos de sua obra o autor coloca-se como um seguidor do evolucionismo spenceriano, apontando o conceito de luta e de fatalismo, de diferenciação progressiva e de concepção monista do universo. Foi essencialmente um darwinista social. Acreditou e defendeu a *distinção* e a *desigualdade* das raças como um fato dado e ao qual não cabiam contestações. Para o autor, além da desigualdade das raças, a desigualdade das classes sociais era uma evidência. Entretanto, ambas seriam superadas: uma pela própria evolução histórica da sociedade e a outra somente pelo mestiçamento.

Estas colocações nos levam a perceber em Sívlio Romero, já no final do século passado, fortes tendências à defesa da democracia racial e social, não em seu tempo, mas mais à frente, quando a evolução histórica se encarregasse de promovê-las (BRAY; SOUZA, 1997), adiantando-se, assim, ao próprio Gilberto Freire.

“... O Brasil é um país fatalmente democrático. Filho da cultura moderna, nascido na época das grandes navegações e das grandes descobertas, o que importa dizer, depois da constituição forte da plebe e da burguesia, ele é, além do mais, resultado do cruzamento das raças diversas, onde evidentemente predomina o sangue tropical ... Ora, os dois maiores fatores de igualização entre os homens são a democracia e o mestiçamento ... No Brasil, onde as duas forças, a natural e a social, têm estado constantemente em ação; onde a formação do povo foi, por um lado, um resultado da burguesia, da plebe, do terceiro e do quarto estado, e onde, por outro lado, o caldeamento das três raças fundamentais tem sido imenso, a democratização é fatal e a monarquia é rigorosamente uma quimera”. (ROMERO. Doutrina contra Doutrina. Apud. VITTA, 1969)

Coube a Romero a constatação evidente da sociedade brasileira como um amálgama de raças, no qual o mestiço surge como um representante nacional e não mais o índio da visão romântica.

“Malgrado as pretensões e o desespero de muitos presunçosos de ‘branquidade’, semelhante apelo [mestiçamento de raças] é indispensável porque é imposto pela evidência da ciência ... Em um povo, destarte, argamassado, os mestiços de todas as gradações e matizes estão em maioria e nos governos democráticos a maioria dita a lei.” (ROMERO. Doutrina contra Doutrina. Apud. VITTA, 1969)

Romero via no mestiçamento com o branco europeu uma das soluções para os problemas nacionais, criticando sempre o governo brasileiro (do Império e da República) por não promover uma melhor distribuição dos imigrantes por todas as partes do país, a fim de assegurar uma miscigenação mais eficiente por todo o território. A solução nacional estava diretamente ligada a esse trabalho, pois das questões sociais a própria história se encarregaria. *“Aplicando as leis de Darwin à literatura e ao povo brasileiro, é fácil perceber que a raça que há de vir a triunfar na luta pela vida, neste país, é a raça branca ...”* (ROMERO, 1943)

Sílvio Romero sempre teve as suas atenções voltadas para a exploração do universo da ciência e para a especulação filosófica, visando a interpretação da realidade social e política brasileira e a busca de meios para intervir e apressar o progresso da Nação.

EUCLIDES DA CUNHA E A AUTENTICIDADE DA RAÇA BRASILEIRA

Enquanto, de um lado, Sílvio Romero defendia a tese do branqueamento da população, através da distribuição de imigrantes europeus pelo território nacional, de outro Euclides da Cunha, segundo a sua visão não menos darwinista, buscava uma saída para salvaguardar a nacionalidade brasileira, através da figura do sertanejo. O sertanejo, mistura do índio com o branco, era para ele o representante máximo da raça brasileira. Para Leite, como *“Sílvio Romero, Euclides tem dificuldade para empregar as teorias européias, pois estas supunham um meio que determinasse a raça, enquanto no Brasil pelo menos duas raças estavam fora de seu habitat, e, além disso, cruzaram, o que impedia que se falasse em raça brasileira.”* (LEITE, 1983)

Euclides da Cunha propõe o isolamento do sertanejo em relação à fachada atlântica, ocupada pelos imigrantes e pela miscigenação negra e branca, a fim de garantir a sua constituição como raça e, portanto, necessitando evoluir como tal. E é por isto que as estradas de ferro eram, segundo ele, um instrumento extremamente perigoso para a nossa nacionalidade.

“... Não podemos apagar o traço bem pouco civilizador que caracteriza a distensão de nossas redes de estradas de ferro. De fato, nenhuma busca o centro do país, visando despertar as energias latentes que o afastamento do litoral adormece. Progridem arrebatadas por uma lavoura extensiva que se avanta no interior a custa do esgotamento, da pobreza e da esterilização das terras que vai abandonando.

Reflete o vício de uma expansão em que não colaboram as forças profundas do país, porque vai da periferia para o centro sobre não ter o caráter francamente nacional, a pouco e pouco extinto no vigor das correntes intensivas de imigrantes pelo futuro, já vão assumindo o aspecto de uma invasão de bárbaros pacíficos...” (CUNHA, E. da. *Apud.* ANTONIO F^o; BRAY, 1989)

O desejo de Euclides era de que o avanço da civilização da fachada atlântica fosse mais lento e gradual. Desta forma, as rodovias seriam meios de transporte mais adequados ao contexto brasileiro, podendo servir, posteriormente como leito para as ferrovias. Além disto, o seu nacionalismo levava-o a defender a exclusão do capital estrangeiro ligado à instalação das ferrovias no país. A sua análise restringia-se mais à busca da autenticidade da nacionalidade brasileira, calcada em termos raciais, a despeito das necessidades e do avanço do capitalismo no país através da expansão cafeeira e das ferrovias.

OLIVEIRA VIANNA E O DARWINISMO, SÉCULO XX ADENTRO

Oliveira Vianna foi um dos primeiros a procurar fazer uma análise sistematizada de nossa organização social e política. Suas obras foram publicadas entre 1920 e 1950, período em que várias correntes de pensamento já se encontravam presentes em nosso meio (ANSELMO, 1995). Sua visão do mundo aproxima-se muito da visão de Sílvio Romero, principalmente no que diz respeito ao branqueamento da população brasileira. Para o autor de *Populações Meridionais do Brasil*, somente “*os arianos puros com o concurso dos mestiços superiores e já arianizados*” poderiam, “*de posse dos aparelhos de disciplina e educação*” dominar “*essa turba informe e pululante de mestiços inferiores*” e mantê-la “*pela compressão social e jurídica, dentro das normas da moral ariana*”, afeiçoando-a lentamente “*à mentalidade da raça branca*” (VIANNA, 1933).

Durante o Governo Getúlio Vargas, Oliveira Vianna desempenhou um papel fundamental no que se refere à organização das leis trabalhistas e de toda a mentalidade norteadora das mesmas. Foi consultor jurídico, junto ao Ministério do Trabalho, de 1934 a 1942. Nesse período, o autor teve a possibilidade de atuar diretamente sobre uma problemática nova que se colocava para o país, o crescimento industrial, a urbanização e todas as transformações delas decorrentes.

O autor apercebia-se de que era o momento para o Brasil tornar-se uma *Nação*, assumir a vanguarda da industrialização na América Latina, despontar no

mundo como uma Nação importante, a despeito de seu estágio atrasado em relação às potências hegemônicas. Entretanto, era necessário romper com os regionalismos oligárquicos, com as divisões estanques do país em *Centro-Sul, Pampas e Sertões*. Era necessário deixar de lado os individualismos e criar uma nova mentalidade baseada na *coletividade*, não no sentido de transformar ou revolucionar a ordem social existente, mas adaptá-la de forma conveniente.

Este universalismo, subjacente à sua visão do mundo, passava pela coletividade e assim, colocava como prioridade estruturar o país de forma adequada, trazendo prosperidade e progresso à força, através do rompimento com as velhas idéias que não se enquadravam no *novo* capitalismo que lançava suas raízes mundo subdesenvolvido adentro: o capitalismo monopolista. O elemento agregador que permitiria o sucesso dessa via autoritária seria o nacionalismo. A ideologia nacionalista permitiria a consolidação do Estado nacional intervencionista, cujo papel seria fundamental para a consolidação do capitalismo monopolista-financeiro.

O Estado Corporativo proposto por Oliveira Vianna constituía-se numa via de solução para o descompasso, tão abordado naquele período, entre o País Real *versus* País Legal; além do mais, era uma forma muito eficiente de manter a elite na sua devida condição, disciplinando um *povo-massa*, no seu entender despreparado, e oferecendo-lhe meios *adequados* de participação na condução do país. A sua proposta, embora nunca tenha-se consolidado inteiramente, encaminhava dois problemas intrincados para o desenvolvimento do capitalismo no país: por um lado assegurava o *status* e o poder das elites e por outro *resolvia* a questão social tão atormentadora para a burguesia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando adaptar as teorias científicas européias à explicação da realidade brasileira, os intelectuais nacionais envolveram-se em contradições tremendas, às quais procuraram dar soluções recorrendo a ecletismos nem sempre aceitáveis. As várias correntes evolucionistas acabaram, assim, mescladas na busca da possibilidade de uma Nação brasileira, cujo povo apresentava, segundo as teorias adotadas, todas as características raciais inferiores, determinadas pela mistura do sangue branco nobre do europeu com o negro e o índio. Inverter o significado ideológico dessas teorias e propor uma saída que beneficiasse a Nação era um dos principais desafios para aqueles estudiosos.

Assim, o branqueamento da população através da miscigenação dos nacionais com elementos brancos europeus tornou-se uma proposta de larga aceitação e

que percorreu décadas da história brasileira. De Sílvio Romero a Oliveira Vianna, foram vários os intelectuais que a defenderam como a *solução nacional*. Somente o fortalecimento genético poderia trazer a energia dos povos europeus para combater as nossas dificuldades, entre elas a do próprio meio físico, considerado outro dos duros entraves ao progresso do país. Darwinismos e determinismo, embora se contrapusessem no berço de origem, aqui se encontravam *pacificamente* numa mesma corrente de pensamento.

Num jogo em que *os fins justificam os meios*, os intelectuais usaram daquelas teorias procurando justificar a existência da Nação brasileira e das suas possibilidades de se tornar poderosa e à altura das grandes nações da época.

O branqueamento tornado possível através da miscigenação, acabou se constituindo numa ideologia justificadora da imigração europeia estimulada pelo governo brasileiro. Em torno do tema, foi travado intenso debate entre a elite intelectual, desde a necessidade da imigração para a substituição do trabalhador nacional, como a direção do fluxo migratório que acabou se concentrando no Centro-Sul.

Não se trata de dizer que não havia posições contrárias, pois, como foi visto em Euclides da Cunha, a defesa de uma “raça nacional” existiu, seguindo uma orientação evolucionista em que raça e nação apresentam-se como uma unidade e, por isso, a *raça brasileira*, no caso o *sertanejo*, deveria ser poupado da miscigenação. O isolamento dar-lhe-ia o tempo necessário para que evoluísse até o nível da raça branca, representada pela civilização europeia.

Contrário, ainda, ao branqueamento, poder-se-ia mencionar Manoel Bomfim que via essa ideologia uma forma dependente de se colocar ante os outros povos, numa relação de inferioridade, para ele, inaceitável (OLIVA, 1998). Entretanto, diferentemente de Euclides, Bomfim era um raro defensor da existência de uma Nação brasileira desde os tempos coloniais, a partir da expulsão dos holandeses do Brasil. *A Nação pronta* calcava-se num povo *indestrinavelmente* mestiço, que “*nenhum tipo de cruzamento pode romper*” (BOMFIM. *Apud*. OLIVA, 1998).

Já Euclides apresentava uma visão nacionalista voltada para a valorização do interior do país. Assim, a estrada de ferro, um dos símbolos do progresso paulista da época do café, não era vista positivamente por ele, pois que não visava a interligação interna e não proporcionava a unidade territorial do Brasil. As ferrovias eram construídas voltadas para o exterior e alimentavam culturas agrícolas destinadas à exportação. De forma alguma trariam o progresso, em sua opinião, mas só a pobreza, o despovoamento e a dependência. A força do caráter puramente nacional ia-se perdendo à medida que se abriam as portas para o exterior, através do estímulo à imigração e do sistema produtivo guiado por determinações externas.

Nesse sentido, Euclides se coloca como um combatente da forma como o capitalismo vai sendo incorporado pela República e, em suas propostas, pode-se ler a necessidade do *fechamento* interno. Entretanto, caberia uma análise bem mais aprofundada de sua obra a fim de captar melhor este aspecto de sua visão do mundo, o que foge aos objetivos deste trabalho.

Uma das preocupações constantes do pensamento de Euclides é também bastante forte nos outros dois intelectuais aqui tomados como exemplos – Sílvio Romero e Oliveira Vianna – e por extensão a vários outros pensadores nacionais, cujas leituras, sem dúvida, percorreram seus trabalhos: o povoamento praticado no Brasil desde os tempos coloniais não gerava uma unidade nacional, sendo praticada de forma sempre descontínua desde as capitanias hereditárias. Assim, para Euclides a forma como eram instaladas as ferrovias não gerava uma ocupação intensiva, mas acabava deixando espaços *vazios*, uma civilização *tacanha*.

Também Sílvio Romero era um crítico desse aspecto do povoamento e pode-se perceber este fato claramente quando o autor defende a sua proposta de branqueamento. Ele é a favor de uma imigração estimulada para todo o território brasileiro, e não somente para uma área. Na verdade a proposta é a de uma homogeneização da população no que diz respeito às suas características étnicas. O progresso é visto como necessário para o todo territorial.

Para Oliveira Vianna, sem dúvida um seguidor de Romero, esta característica de nosso povoamento deveria ser combatida pelos poderes públicos. A formação em aglomerados estanques não era capaz de gerar uma civilização efetiva – uma das principais dificuldades de um país com as proporções territoriais do Brasil. A homogeneização através do branqueamento, também na sua visão, era uma das respostas à desarticulação do território como um todo. Porém, neste autor, as propostas nessa direção, são apresentadas mais elaboradamente. Ele vê a urgência da necessária interligação do espaço brasileiro, assim como do desmantelamento dos regionalismos assentados sobre a política da Primeira República. A divisão do país nas três grandes *regiões* por ele detectadas – Centro-Sul, Pampas, Sertões – necessitava, por algum meio, ser reestruturada.

O branqueamento é, para Oliveira Vianna, indispensável ao progresso nacional. Em suas primeiras obras, o darwinismo social aparece de forma muito agressiva, indo aos poucos cedendo espaço para as visões culturalistas. De qualquer forma, o branqueamento e a educação das elites – assim como em Sílvio Romero – constituem-se em lastro de todas as suas propostas para o Brasil (SOUZA; BRAY, 1993). Embora defenda as virtudes do Império ao promover a unidade nacional, Oliveira Vianna não deve ser visto como um intelectual *anacrônico*. Foi, isto sim, um defensor árduo do *Estado forte*, aceitando que somente o autoritarismo poderia dar conta dos problemas de uma Nação em formação, como o Brasil. Mas esta não

era uma posição individual, nem tão pouco desconectada de uma corrente de pensamento que vem desde Varnhagem e, portanto, antes da república. O *Estado democrático forte* que, por fim, acabou se instalando com a entrada de Getúlio Vargas no poder foi a consolidação dos anseios de grande parte dos estudiosos nacionais naquele período.

Ao se proceder as leituras destes intelectuais do final do século passado – como Euclides da Cunha e Sílvio Romero – e do início do século XX – como Oliveira Vianna –, o que se pode perceber, logo de imediato, é uma insatisfação muito grande com as condições do país. A desarticulação territorial, as jogadas políticas promovidas pelos regionalismos oligárquicos, os *individualismos* que não permitiam se pensar o Brasil como uma nação unificada, faziam parte de uma grande problemática que estes intelectuais sentiam sobre os seus próprios ombros. Resolvê-las colocava-se como uma imposição que somente eles, no papel de uma elite esclarecida, poderiam dar conta.

BIBLIOGRAFIA

- ANSELMO, R.C.M.S. **Oliveira Vianna e a unidade-identidade do espaço brasileiro**. Rio Claro: IGCE-UNESP, 1995. (Dissertação de Mestrado).
- ANTONIO Fº, F.D.; BRAY, S.C. À margem da geografia: espaço, poder e nacionalidade em Euclides da Cunha. **Geografia**. Rio Claro: Ageteo. v.14, n.27, p.149-153. 1989.
- BRAY, S.C. ; SOUZA, R.C.M. Sylvio Romero e sua importância para a construção do pensamento geográfico no Brasil. **Revista de Geografia - Unesp**. São Paulo: Fundunesp. v.14, p.115-129. 1997.
- COLLICHIO, T.A.F. **Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1988. (Col. Reconquista do Brasil, 2; v. 120)
- COSTA, J.C. **Contribuição à história das idéias no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1967. (Retratos do Brasil, 56)
- LEITE, D.M. **O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia**. 4 ed. São Paulo: Pioneira, 1983.
- OLIVA, T. A de **Raça e nação no pensamento geográfico brasileiro pré-30**. 1998. (mimeo)
- ROMERO, S. **História da literatura brasileira**. 3ª. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio Ed., 1943.

SOUZA, R.C.M.; BRAY, S.C. As influências darwinistas sociais e o determinismo geográfico em Oliveira Vianna. **Revista de Geografia - Unesp**. São Paulo: v.12, p. 87-94, 1993

VIANNA, F.J.de O. **Populações Meridionais do Brasil. História, Organização, Psicologia**. 3ª. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1933. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 5, Brasileira, v.8).

VITTA, L.W. **Introdução à obra filosófica**. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio Ed., 1969. (Col. Documentos Brasileiros, 139).

RECEBIDO EM MAIO DE 2000.